



SAUDADE DAS PALAVRAS – A VOZ DO IMIGRANTE ORIENTAL NA LITERATURA HEBRAICA CONTEMPORÂNEA

NANCY ROZENCHAN¹

Oito meses e meio se passaram desde o dia do casamento, e Nazima ainda não está grávida. Não é possível, ela diz para si mesma, diante do espelho, não é possível que Deus tenha te amaldiçoado duas vezes.

“Talvez seja a tensão,” ela consola o impaciente Rahamim no dormitório. Ela ainda teme revelar a ele o que o ginecologista anunciou três dias antes. Ela não ousa contar que é provável que o problema seja dele. Na cama ela sussurra no ouvido dele, “Meu amor por você é grande, Rahamim, mas a alma ferida por causa dos meus pais, a alma órfã, está tensa e fendida como a terra no ano de seca... de uma terra destas não pode brotar nada, Rahamim, nada.”

Ai, Nazima coitada, ela lamenta seu destino amargo de manhã, o teu pai se pôs de luto no dia do casamento, a tua mãe se veste de preto por você, e você, que foi princesa em casa de reis, você, a quem destinaram um tio rico e doentio, vive agora com um homem amado, mas estéril! Estéril!

Ela arranca cabelos e bate no peito com as palmas das mãos. Em momentos de tristeza e opressão, nos momentos em que a memória está aguçada e tangível, nos momentos em que a solidão lança a sua sombra e a verdade ameaça e é muito perigosa, Nazima encontra refúgio em conversas prolongadas consigo mesma. Seja junto à pia, seja no banheiro, seja na sala ou na varanda. Mas principalmente em frente ao espelho

Por que você não conta para ele, Nazima, por que não? Nazima pergunta e responde, ele não vai suportar isto. A honra dele, a honra... mas esta é a verdade. O problema não é com você, é impossível fugir da verdade. Além disto, pode ser que o problema dele seja fácil, pode ser que a solução seja rápida... mas como é que ele vai mostrar a cara dele na rua? Como ele mostrará a cara dele junto a você? Ela ergue os olhos para o teto e pergunta, O que fazer? O que fazer? Dê uma resposta, Senhor do universo.²

Na década de 1950, pouco após a criação do Estado de Israel, dezenas de milhares de imigrantes judeus provenientes de países árabes, obrigados a deixar os países onde seus

¹ Professora Associada. FFLCH, USP.

² BUSSI, Dudu. *Ima mitgaagaat lemilim* [Mamãe tem saudades de palavras]. Jerusalém: Keter, 2006, p. 9-10.



antepassados tinham vivido por mais de dois mil anos, dirigiram-se ao novo estado, como único reduto que pode abrigá-los. Os judeus orientais, denominados de *mizrachim*, em hebraico, provinham principalmente do Iraque [120 mil], dentre vários outros países. Outros vieram livremente, como foi o caso dos judeus do Marrocos, cujo número, somado aos que saíram não de forma espontânea da Argélia e da Tunísia, foi de mais de 45 mil. Hoje judeus *mizrahim* de todas as origens e seus descendentes representam cerca da metade da população de Israel.

Nazima, a personagem que fala sozinha, citada há pouco e à qual retornarei mais adiante, é uma judia israelense, originária do Iraque. Esta comunicação tem a ver com judeus orientais em Israel e, especificamente, com a situação da mulher, execrada em sua posição subalterna, silenciada.

A principal dificuldade enfrentada pelos imigrantes a Israel em especial na década de 50, quando as maiores massas começaram a chegar, e em particular pelos provenientes dos países árabes, foi o conceito de “cadinho de fusão”, a concepção forçada de forjar o israelense médio, com a imposição de abdicar de símbolos e valores tradicionais que trouxeram consigo, com a intenção de que absorvessem valores e símbolos da sociedade em que passaram a viver e à qual deveriam se fundir, intensificada pelo conceito de “anulação da diáspora”, o apagamento das características particulares trazidas dos países de origem. Esta imposição de nivelar todos os israelenses, despojando-os de suas características particulares, levou a um acúmulo de dificuldades e afetou de algum modo o respeito pela estrutura familiar tradicional, fortemente centrada na figura patriarcal e ancorada no respeito às tradições religiosas. A sociedade receptora, constituída em sua maioria pelos israelenses de origem européia, referia-se a estes imigrantes, cuja cultura era considerada inferior à cultura ocidental predominante no país, de forma negativa.

Todavia, nas duas gerações que se passaram desde então, não se chegou a impor totalmente nem o “cadinho de fusão” e nem se anulou totalmente a idéia da diáspora. Fatores culturais diversos, dentre os quais os que promovem o multiculturalismo, vem atuando intensamente para a recuperação e preservação de valores trazidos dos países de origem que, na prática ainda existiam.

Nas últimas duas décadas as temáticas referentes aos judeus orientais passaram a ter destaque mais amplo na literatura hebraica; muitos escritores originários desta parcela da população voltaram-se a esta temática em suas obras.

Dudu Bussi, um dos autores *mizrahim* de grande destaque atualmente, em entrevistas, declara que passou por processos de apagamento da identidade semelhantes àqueles de seus personagens. Bussi considera que todos da segunda geração sentiram a mesma dor de uma forma ou outra. Seus personagens são pessoas que vivem à margem do fluxo principal da vida do país. Ele



nasceu em 1969, em Tel Aviv, filho de pai iemenita e mãe persa. Escreve para a imprensa e já foi premiado.

É verdade que foram justamente os membros da segunda geração, filhos dos imigrantes, os primeiros nascidos em Israel, que ajudaram a destruir o legado trazido pelos pais. Os membros desta geração, produto da educação nacional sionista que propugnou a negação da diáspora judaica, negaram os seus pais, zombaram de seu tradicionalismo e costumes autênticos e empenharam-se em lhes impor a israelidade convencionada de então. Hoje estes se sentem culpados ante a repulsa que manifestaram em relação aos pais e o vazio que deixaram para a terceira geração. Na literatura contemporânea sobressaem-se as temáticas dos choques, dos processos de apagamento da identidade e do processo de repulsa e aniquilamento da família e das raízes, a par dos esforços, em geral doloridos, de deixar a periferia e passar a pertencer ao centro. Isto é nítido no terceiro dos romances de Bussi, *Ima mitgaagaat lemilim*, em sua posição política em que de um lado é exposta a estrutura social desta camada étnica e, de outro, a preocupação de conscientizar o leitor sobre o processo de repulsa e aniquilamento.³ A família retratada na obra é de origem iraquiana. O personagem Ovádia, filho de Nazima, se expressa como alguém que passou pelo que a segunda geração de imigrantes foi obrigada a passar: vergonha pelo modo de vida dos pais, modificação da pronúncia para não ser identificado pela origem preterida, mal estar ante o estilo de música e filmes apreciados, ao mesmo tempo em que há empenho em transformar-se em um israelense como qualquer outro.

O romance *Ima mitgaagaat lemilim* [Mamãe tem saudade palavras], de Dudu Bussi, Ed. Keter, Jerusalém, 2006, tem como personagens principais Nazima, seu marido Rahamim, ambos originários do Iraque, o filho Ovádia. A narração é feita pelos três e por um narrador. Enquanto Rahamim e Ovádia, pai e filho, personagens antagônicos, falam em primeira pessoa, Nazima geralmente dialoga consigo mesma. As cinco partes do livro subdividem-se em pequenos capítulos encimados pelo nome de quem fala.

De forma sucinta: Nazima fora prometida em casamento a um velho tio doentio, como não era incomum nas famílias provenientes do Iraque. Conhece Rahamim, carregador no mercado, que lê nos olhos dela um pedido de salvação. Rahamim se apaixona de imediato e vai em busca dela. Para casar, Nazima, igualmente apaixonada, no único ato de rebeldia de sua vida, foge. O pai tirano

³ SHMUELOFF, Mati. Ars im agenda: reayon im assofer vehaitonai Dudu Bussi [Marginal com agenda: entrevista com o escritor e jornalista Dudu Bussi]. *Mevukash ms. 2*, site de Mati Shmueloff, 8/11/2006. Publicado originalmente in *Anashim*, número 505, p. 20-24, 8/11/2006. Disponível em <http://www.notes.co.il/mati/24922.asp> Acesso em 30/11/2009.



e a mãe impotente a deserdam e se põem de luto perene por ela. Como mencionado, Nazima não fica logo grávida, motivo de vergonha para as pessoas de sua etnia. É difícil contar a verdade para o marido, pois a honra dele será manchada; honra e orgulho masculinos, característicos daquela parcela da cultura oriental, são o fio condutor da vida destes imigrantes. Somente doze anos depois, assistindo a um filme na televisão, em que problema semelhante é apresentado, é que Rahamim acederá ao pedido de ir se tratar. Dois anos mais tarde, nasce Ovádía, filho único. O semi-analfabeto e primitivo Rahamim conseguiu entretanto melhorar a sua condição; de carregador chega a ter um pequeno café, onde serve chá para seus conterrâneos – homens apenas - de origem iraquiana como ele, que ali se reúnem para conversar e jogar gamão, como eles próprios e gerações de seus antepassados fizeram durante muito tempo na Bagdá de origem. Ali no café, onde Rahamim se sente um rei, ele e os clientes continuam, ao menos por algumas horas, a manter o mesmo padrão de vida e pensamento que tiveram na juventude. Aparentemente, é uma transposição do universo iraquiano para Israel. O universo da primazia masculina tem uma vertente doméstica. Até que Nazima engravide, Rahamim não permite que ela saia de casa, para que a vergonha de não ter filho não seja exposta; por catorze anos ela fica fechada. Será Nazima que criará quase sozinha o filho, pois o marido passa a maior parte do tempo no café e, às vezes, com a jovem amante. Nazima criará e mimará Ovádía que, antes dos cinco anos já será um menino malcriado, egoísta e com pendor capitalista. Mais tarde, por sugestão de uma das professoras do mesmo, ela o encaminhará a um movimento juvenil de esquerda para aprender os verdadeiros valores da vida, da nação, e não se transformar em marginal. No serviço militar ele se alistará na tropa elitista dos paraquedistas, onde se destacará pela bravura e camaradagem com os companheiros.

Além de abominar o pai a quem despreza pelos hábitos rústicos, por não demonstrar amor e carinho por ele, por não lhe dar atenção, porque percebe como aquele faz a mãe sofrer, Ovádía sofre pela crise de identidade, renega a sua origem oriental, ao mesmo tempo em que não se sente devidamente aceito pela população do país, em grande parte de origem européia. Decepcionado, parte para a Alemanha para trabalhar. Ao mesmo tempo, esta foi mais uma etapa na busca de uma consolidação para a sua identidade. Volta a Israel vários anos depois, atraído pela oferta mentirosa do pai, agora idoso, que declara ter montado para ele um negócio.

É nos seus diálogos que Nazima expõe a dor [e perdoa] de ser usada para compensar as frustrações dos homens da sua família:



Todos se envergonham de si e lançam isto sobre você. Não sabem se confrontar com os seus problemas. Transformam você em saco de pancadas. Esta é a sua função na vida, Nazima. Saco de pancadas dos complexados e amargurados por si mesmos e pelo seu modo de vida. Você se acostumou que despejassem em você os complexos e a amargura, 32 e você até se apaixonou pelo cargo. Você é mulher e mãe, e jamais pensou em sair de sua panela, apesar de existirem nos armários de cozinha da vida outras panelas. E por que você não pensou em sair, você pergunta? Porque você sabe que em cada panela algo mal cheiroso está sendo cozido. Então por que você vai sair da sua panela e ir para outra?⁴

O romance se estende por algumas décadas da família em constante conflito e no difícil processo de se adaptar na sociedade israelense. A família é fechada em um enclave privado com os seus próprios códigos de costumes étnicos, sendo que a principal característica é a honra cegante e primitiva causadora de todos os incidentes, choques e mal-entendidos, honra esta acompanhada por fortes sentimentos de inferioridade que conseguem sepultar o amor profundo sob o peso do orgulho.

A mãe, Nazima, é uma mulher submissa, resignada e obediente que, ao seu modo, luta para proteger o filho ante o marido que amargura a vida de ambos e luta para preservar a honra e o papel patriarcal tradicional do marido. Conhece as suas limitações:

Você não é como as mulheres dos livros que você leu em Bagdá. Você não é forte e rebelde como Ana Karenina, nem como Madame Bovary. Você não é heroína e nem uma figura extraordinária, certamente não aos olhos das mulheres modernas, Milhões de mulheres como você entram e saem do mundo sem que alguém preste atenção nelas. Para a história você é um grão invisível de pós.⁵

Para manter o código tradicional, ela se submete, a qualquer preço, às regras do universo patriarcal, mesmo que para isto ela deva se anular, como se percebe nesta fala dela, rememorando a situação, na velhice:

Quando [o filho] começou a se envergonhar [do pai], por horas você tentou convencê-lo, implorou-lhe que ao menos respeitasse o pai, e não adiantou nada. Você lhe disse que você, na qualidade de mãe, deixa de lado a própria honra. Você o autorizou a pisar em você e a humilhá-la e a se envergonhar de você. “Mas ao seu pai, dê respeito,” você implorou a ele.⁶

Da violência a que ela é exposta, uma violência psicológica, fruto do patriarcado da cultura de origem e enfrentamento com a vida em Israel representada pelos pensamentos do filho, ela somente consegue falar em seus monólogos e diálogos. Marilena Chauí, manifestando-se a respeito da violência resume:

Entendemos por violência uma realização determinada das relações de força, tanto de classes sociais quanto em termos interpessoais. [...] como uma ação que trata o outro não como sujeito, mas como coisa. Esta se

⁴ Op. cit., p. 31.

⁵ Op. cit., p. 118-119.

⁶ Op. cit., p. 151



caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.⁷

O choque de gerações é tema prevalente neste livro e aqui destaca-se o papel da mãe e esposa que, conforme a citação inicial, usando o potencial da sublimação no seu mecanismo de defesa, vale-se das falas consigo mesma para não soçobrar no isolamento em que vive. É neste falar sozinha, que substitui o silêncio a que ela é submetida, pois não há diálogos e menos ainda diálogos amistosos entre os membros da família, ainda que ela tente sempre ser a interlocutora de ambos, é no falar sozinha que ela expõe os fatos e sentimentos do amor, relata a carga de sofrimento ante os dois homens de sua vida com quem não há diálogo: o marido - retrógrado, o filho – pertencente a um universo diferente, expõe a consciência de que este é o padrão de vida que aceitou assumir e que qualquer outro não a teria tornado mais feliz, uma vez que se casou com o homem amado, memória e memória da vergonha, sua filosofia de vida reconhecendo-se como mulher que não está disposta a lutar, o que, na prática é desmentido, pois, por fim, mesmo sem dirimir as grandes divergências, mas com base na ameaça de expor a dita “honra” do marido [a esterilidade dele] e torná-la assunto público, ela consegue reunir pai e filho e, quem sabe, dar por finda a sua missão.

O feminismo chegou tardiamente a Israel e o ramo que tratou das mulheres orientais, aquelas provenientes de países árabes, como Nazima, brotou mais tarde ainda. Somente em 1995 é que passaram a se realizar eventos para tratar deste sub-segmento da população israelense. Henriette Dahan-Kalev,⁸ a principal estudiosa do assunto, analisa a posição da mulher oriental pelo viés dos conceitos de *gender blindness*, inspiradores para quando se quer entender a Nazima que tem saudades de palavras. No contexto israelense, segundo a antropóloga, o discurso sobre a unidade do povo judaico se traduziu em uma afirmação de que todos os cidadãos judeus do estado pertencem ao coletivo nacional judaico sionista. Esta alegação funcionou para apoiar e proteger a unidade deste coletivo nacional, e assim a identidade daqueles judeus cujas culturas não se encaixaram no estereótipo do "novo judeu" que os sionistas desejavam criar na Terra de Israel, simplesmente não

⁷ CHAUI, Marilena. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 23-62.

⁸ DAHAN-KALEV, Henriette. The Gender Blindness of Good Theorists: An Israeli Case Study. Disponível em http://www.bridgew.edu/SoAS/jiws/May03/Gender_blindness.pdf. Acesso em 20/4/2010.

Publicado originalmente em hebraico: “Menuhshalot: ivaron migdari beteoriot politiot ushkifutan shel nazhim mizrahiyot”. [Socializadas para serem ineptas: *gender blindness* nas teorias políticas e o reflexo de mulheres orientais] *Sotsiologuia israelit*. Vol. 4, número 2, p, 265-287. 23/12/2004. Disponível em <http://www.notes.co.il/henriette/9053.asp> Acesso em 20/4/2010.



era reconhecida. Se o etos nacional foi meramente cego para a existência desses grupos étnicos não-europeus, o que dizer das mulheres dentre eles e, particularmente, as provenientes de países árabes? Entender a categoria social de “mulheres orientais” implicou perceber inicialmente que durante um longo período elas foram envolvidas por uma capa de invisibilidade, não foram vistas como seres a parte dentro da comunidade. Somente o desvendamento do longo processo de silenciamento imposto historicamente a estas mulheres permitiu que se passasse a entender a posição de segregação e exclusão a que elas tinham sido submetidas. Muitas das mulheres orientais que mantiveram um vínculo com o mundo tradicional de onde provinham e que preservaram o modo de vida oriental encontraram-se presas dentro de uma armadilha estabelecida no conservadorismo oriental, enquanto no mundo exterior estavam expostas a algum tipo de permissividade que lhes era totalmente estranho.

Tudo isto parece ser provido de dimensões gigantescas ante a aparente pequena pretensão de Nazima, de que apenas falem com ela de forma digna. Mas atrás das saudades das palavras de Nazima, havia todo um modo de vida subalterno, uma nobreza feminina escamoteada de muitas mulheres imigrantes do Oriente.

BIBLIOGRAFIA

BUSSI, Dudu. *Ima mitgaagaat lemilim* [Mãe tem saudades de palavras]. Jerusalém: Keter, 2006.

CHAUl, Marilena. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 23-62.

DAHAN-KALEV, Henriette. The Gender Blindness of Good Theorists: An Israeli Case Study. Disponível em http://www.bridgew.edu/SoAS/jiws/May03/Gender_blindness.pdf. Acesso em 20/4/2010.

Publicado originalmente em hebraico: “Menuhshalot: ivaron migdari beteioriot politiot ushkifutan shel nazhim mizrahiyot”. [Socializadas para serem ineptas: *gender blindness* nas teorias políticas e o reflexo de mulheres orientais] *Sotsiologuia israelit*. Vol. 4, número 2, p, 265-287. 23/12/2004. Disponível em <http://www.notes.co.il/henriette/9053.asp> Acesso em 20/4/2010.

SHMUELOFF, Mati. Ars im agenda: reayon im assofer vehaitonai Dudu Bussi [Marginal com agenda: entrevista com o escritor e jornalista Dudu Bussi]. *Mevukash ms. 2*, site de Mati Shmueloff, 8/11/2006. Publicado originalmente in *Anashim*, número 505, p. 20-24, 8/11/2006. Disponível em <http://www.notes.co.il/mati/24922.asp> Acesso em 30/11/2009.